

**XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII  
ENANCIB 2012**

**GT 5: Política e Economia da Informação  
Por uma economia do sentido**

**Modalidade de apresentação: Comunicação Oral**

Benjamin Luiz Franklin

Silvana Drumond Monteiro

belfra@gmail.com

**Resumo**

Este trabalho tem dois objetivos interdependentes. O primeiro é problematizar os conceitos necessários para o estabelecimento do que poderia ser descrito como uma *economia do sentido*. A dinâmica do valor e sua relação com a produção de sentidos estariam intimamente ligadas por estabelecer uma mudança de dispositivos, ou seja, uma troca de regime, do fluxo nonsense e anistórico da informação no ciberespaço, para um modo factível, historicizado de apontamento de eventos, amplamente reconhecido pelas percepções humanas, através da marcação de verbos, com “sensibilizações” de provimento de sentido. O segundo objetivo é a realização de uma experiência usando dados do mercado financeiro – local que consideramos privilegiado para verificar os conceitos de uma economia do sentido – para testar a relação sentido/valor que propomos inicialmente, a partir de marcações verbais, em tempo real, no incessante fluxo de informações que caracteriza este ambiente. Concluímos que a *sensibilização*, ou seja, o provimento de sentido através do apontamento verbal a eventos do ciberespaço, caracteriza um recurso para o enfrentamento da operação, nonsense e fragmentada, que o caracteriza.

**Abstract**

This work has two interdependent objectives: The first is to reflect upon the concepts necessary for the establishment of what could be described as an economy of sense. In other words, an understanding of value dynamics in its relationship with the production of sense - in which they would be closely linked, as they establish a dispositive switch, i.e., a regime change, from an ahistorical and nonsense flow of information in the cyberspace to a feasible way, historicized by an event localizer, widely recognized by human perceptions, through the marking of verbs with "sensitivities" of making sense . The second objective is to conduct an experiment using financial market data - a place considered privileged to see the concepts of an economy of sense - to test the relationship sense / value (our first proposal) from verbal markings in real time, in the ceaseless flow of information that characterizes the environment. We conclude that sensitiveness, ie, the sense provision through the verbal pointing to events of cyberspace, features a resource for coping with the nonsense and fragmented operation, that characterizes it.

## **Introdução**

A modernidade, com a invenção de uma razão de extensão universal, criou sistemas de trocas ditos estáveis e objetivos: uma estrutura do espírito manifestada e visível empiricamente. É surgida a ideia de um contexto universal – e impessoal – de estabelecimento de relações que prescindem da função subjetiva, ou seja: dadas pela erisão do sujeito da ciência, em que é possível articular um ordenamento do mundo, enquanto forma de saber e, ao mesmo tempo, não pertencer a uma evocação pessoal deste ordenamento. Se, no mundo antigo, a verdade era um atributo de um ser falante, no mundo moderno a verdade passou a ser impessoal, e encontrada como um deciframento contínuo das leis naturais, pelo método científico. O mundo moderno, desta forma, produziu um contexto universal e impessoal de ligações conceituais objetivas, que viabilizaram o pensamento sistêmico e que, como um espelho da alma do ocidente, externaria seu espírito em uma realidade empírica.

Os objetos, dessa forma, ao pertencer a um mesmo contexto impessoal, podem ser radicalmente reduzidos a intensidade de uma mesma substância, um relacionamento em um contexto, uma ambiência, uma relação entre entidades que, no fundo, são todas semelhantes e não produziriam (idealmente) um resto – algo que não possa participar desta relação universal – uma forma de operação do monismo leibniziano. O conceito de energia, amplamente elaborado no séc. XIX, enquanto uma força universal capaz de resumir o relacionamento de vários domínios – vide as leis da termodinâmica, exemplifica, paradigmaticamente, este traço da modernidade (BBC, 2012). O resto desta operação, a *parte maldita*, no entanto, estaria sempre assombrando a relação harmônica e sistêmica entre as partes e o universal – como se o universal não fosse verdadeiramente possível, sem o truque da negatividade, de um ponto de singularidade, ou seja, uma externalidade que não participa do jogo de trocas e, mesmo assim, retorna ao jogo universal como uma “maldição”. Longe de pensar essa “maldição” como um castigo prometeico sobre a ambição humana de produção de universais, pensamos justamente o oposto, que o trabalho incessante pelo o encontro de formas universais é a motivação necessária para a evocação deste monstro, que, apesar de temido, é desejado e, não obstante, torna-se a condição para o revigoramento das formulações universais.

Foi assim com o nascimento da Linguística, com Saussure (2000), ao analisar a linguagem como um sistema de signos – também com uma vida dupla, lembremos, em que o significado corresponderia a sua parcela particular e psicológica e o significante

corresponderia a sua relação estrutural e universal de identidade, oposição e privação, seguindo as pistas aristotélicas.

A dinâmica econômica, por sua vez, também é norteada pela premissa ocidental do universal, do particular e do singular; conforme retrofundada no alvorecer da modernidade, e é movida pela ideia de escassez. O conceito de escassez é articulado por um conjunto de regras que definem como o escasso pode ser identificado, nomeado, trocado, comprado, vendido, armazenado etc. (ROBBINS, 1932). As regras que produzem esses jogos, normalmente, permanecem invisíveis, em um contorno universal despercebido, por serem tomadas como uma *lei natural* – como a oferta e procura, por exemplo, como na economia clássica – vistas independentemente de um artifício político que define suas regras de ordenamento. Em outras palavras, neste trabalho, pedimos explicações ao universal – seguindo o conselho deleuziano – em vez de explicar as coisas usando categorias universais, que são evocadas indubitavelmente ao procurar explicações sobre o que sejam o valor, a escassez e o sentido. Sendo assim, ao investigarmos uma economia do sentidos, precisamos entender, primeiramente, como podemos criar um contexto, com tamanho poder de inclusão, a ponto de poder subsumir diferentes naturezas em um mesmo turbilhão de categorias indistinguíveis.

### **O universal contemporâneo.**

É com o cristianismo, conforme ensina Badiou (2003) que o universalismo se realiza como um discurso efetivo, capaz de ordenar os corpos humanos e produzir instituições que movimentem circuitos de troca e identidade. Se, no judaísmo, os entornos institucionais eram dados pela adesão involuntária – por nascimento – a uma lei escrita de tradição imemorial, no cristianismo – em sua nova lei – a tradição não delimita o campo discursivo, demandando uma adesão subjetiva ao mandamento: *ama ao próximo como a ti mesmo*, que implica a uma instantânea potência de inferência sobre qualquer estrangeiro, uma vez que este não é senão uma instância daquilo que pode ser amado como *ti mesmo*, ou seja, há uma potência de inclusão lógica (amor?) sobre todo aquele a que adere – por próprio consentimento – ao discurso do cristianismo. Em outras palavras, o outro é uma instância do eu, da mesma forma que o Tu, como sujeito do imperativo do *Ame ao próximo*, é reflexivo ao *ti mesmo*. Desta forma, é no cristianismo que devemos procurar as raízes da produção de universais encontradas na

modernidade. A razão, por assim dizer, inventada no iluminismo, deve ao cristianismo sua capacidade de estender à todos suas postulações, sustentadas por um princípio transcendental que, no cristianismo, é justamente o sujeito do mandamento da frase *ama ao próximo como a ti mesmo*, e, na ciência, por sua vez, é o conceito de mundo natural.

O conceito de mundo natural desloca o Deus inefável do cristianismo, que, a cada procura de sua incrível verdade, desaparece, ainda mais, em seu profundo mistério (KOLAKOWSKI, 1988), para o terreno do deciframento dos códigos universais que regem o mundo natural; quer dizer, enquanto no cristianismo temos um Deus silencioso que possibilita uma irmandade universal, no mundo natural, temos um mundo – também em silêncio – que pode, não obstante, ser decifrado, interpretado, com caracteres matemáticos, como sugeriu Galileu, que mantém a irmandade universal, não mais entre apenas os que professam o cristianismo, mas entre todos aqueles expostos sobre a luz da Razão, ou sejam, os objetos. A Razão, conforme inventado no Iluminismo, desta forma, deve sua existência a um discurso transcendental, em sua característica universalizante, mesmo que clame por uma experiência empírica, esta deve ser submetida a um entendimento universal da própria experiência, enquanto os mesmos constrangimentos que a submetem e a validam.

Marx (1980), reivindicando um saber moderno e científico, produziu um discurso fundamentado na ideia de troca universal entre mercadorias e vinculou o conceito de valor a seu duplo aspecto: seu valor de uso e o valor de troca. O valor de uso caracteriza-se por um valor individual da relação de um sujeito com a mercadoria, como, por exemplo, o valor sentimental que damos a um objeto antigo e que não pode ser precificado, ou seja, não pode ser negociado em um mercado e continuar a marcar uma troca de equivalências. Esta dupla vida da mercadoria, por assim dizer, com um valor singular que, em última análise, não pode ser particularizado – isto é, universalizado – é o comum no pensamento da modernidade, e segue a estruturação do particular, universal e singular, que caracteriza o Ocidente.

O conceito de valor, desta forma, como um arauto do pensamento moderno, implica no estabelecimento de equivalentes gerais, em fórmulas supostamente universais que possam fazer circular experiências sensíveis singulares escondidas em formas particulares. Resumindo, os conceitos econômicos, enquanto experiências da modernidade, colapsam nos conceitos do sistema de signos de Saussure, ao partilhar uma estruturalidade fundadora comum. A modernidade, sob a chancela da razão

científica, opera a experiência sensível de forma a constrangê-la em modelos universais de formalização. Conceitos fundadores da modernidade, como o sistema linguístico de Saussure – o significante – e o conceito de Marxiniano de valor, carregam, em sua gênese, categorias comuns partilhadas pelo pensamento moderno e, por isso, seguem uma trilha comum, em seus circuitos, no sentido de sua aplicação ideal universal, em que tudo possa ser valorado por um equivalente geral: o dinheiro, e possa, ao mesmo tempo, ser contido em uma forma de estruturalidade – o significante. Manifestação não solidárias a este regime são tratadas como externalidades, aparições irracionais da experiência humana.

É neste mundo, de exponenciação do universal, que aparece a máquina de Turing – a máquina, como uma forma de operação da experiência sensível, que resumiria e convergiria todas as outras máquinas, naquilo que chamamos de “revolução digital”. É a primeira vez, com a máquina de Turing, que a substancialidade das máquinas são separadas de sua funcionalidade, inventando a divisão entre *hardware* e *software*, tão comum em nossos dias. Antes, uma máquina era constrangida a ter sua substância – sua fisicalidade – vinculada à sua funcionalidade. Contemporaneamente, as máquinas são separadas em duas formas universais de funcionalidade: sua informação, como uma escritura universal, o software, e sua fisicalidade, em uma arquitetura também universal, a máquina originada do trabalho de John von Neumann.

O ponto a ser destacado é que o desacoplamento da funcionalidade dos objetos na modernidade, deu-se em direção a uma *ambiência*, usando o termo de Baudrillard (2006), que alterou profundamente a relação dos objetos com seu entorno. A relação que o particular mantinha com sua contraparte universal, foi modificada, em seu próprio circuito, não por uma mudança tecnológica revolucionária, mas pela exponenciação das premissas da própria modernidade. Após sua adesão moderna, plasmou-se uma tecnologia compatível com premissas fundamentais, que já estavam plantadas no cristianismo, ou seja, de produzir um mundo regido por um uno transcendental, misterioso e inefável – um mundo que não teria suas relações de reflexividade, trocas, pervasividade, ubiquidade e pura estruturalidade, impedidas por diferenças de sentido e tradição, mas que unificaria a todos em um único halo de operação, uma única estruturalidade.

Se, na modernidade, o significante estava ligado a um significado e, assim, formavam a base estrutural para um sistema de signos, que se mantinha coeso pelo sentido que emergia entre as diferenças desses signos, no mundo contemporâneo, com

sua vasta computabilidade, onde, todos os objetos fazem parte de um gigantesco parque computacional, virtualizado e ubíquo, o significado já não é mais um componente chave para a manutenção da grande estruturalidade universal. A estruturalidade, que caracteriza, ainda, nosso compromisso com o mundo ocidental moderno cristão, reside nas sólidas bases computacionais de nossas relações universais – como na máquina de Turing. Em outras palavras, as relações fundamentais de troca de significantes, não estão mais limitadas ao sentido, ao significado, à tradição, ou território, mas, como o cristianismo, tem o compromisso com uma estrutura de origem inefável e transcendental; não o próprio cristo, mas a máquina estruturalizante a que deu origem, e que agora é plasmada na rede universal, nas máquinas virtuais anistóricas conectadas, no ciberespaço – aqui entendido como sendo uma: “[...] nova forma/função de produção do conhecimento, de comunicação e de composição da Arte [...] em uma distribuição livre configurada em rede, em diagrama da máquina abstrata, impossível de ser capturado pelas estruturas dicotômicas significantes, posto a sua semiótica heterogênea”. (MONTEIRO, 2007).

### **DO LUGAR COMUM AO LUGAR ESPECÍFICO: o sentido como atualização da escassez e produção do valor.**

O ciberespaço, conforme nossa apropriação, desta forma, não é apenas uma tecnologia convergente, ou uma virtualização universal da máquina de Turing, é, propriamente, o lugar de manifestação do tipo de estruturalidade contemporânea, que abriga uma forma de computabilidade que caracteriza não apenas os objetos, mas também aqueles possíveis. Usando os termos que Virno (2003) empresta de Aristóteles, este seria o lugar comum - *topoi koinoi* - , ou seja, um *locus* que não apenas representa os discursos, mas que torna os discursos possíveis, enquanto uma potência, caracterizada como sendo “a forma lógica e lingüística de valor mais geral, também, a estrutura óssea de todo nosso discurso, aquilo que possibilita e ordena qualquer locução particular” (IDEM p. 13).

Vejamos que, enquanto o lugar comum aristotélico está aliado com as regras fundamentais do discurso, ou seja, a regra fundamental de identidade, que capacita o discurso em usar de inferências lógicas, os silogismos e as operações fundamentais de

produção do significado, o lugar comum contemporâneo, ou seja, o ciberespaço, emprega a computabilidade como forma geral, em uma miríade de máquinas possíveis, em uma mesma estruturalidade. Enquanto o lugar comum aristotélico fecha semanticamente seus participantes, para que contemplem a oportunidade de participação no universal de uma razão ancorada no significado, o ciberespaço outorga-lhes que possam ter qualquer – ou nenhum – sentido, desde que participem de uma estruturalidade a-significante, característica dos processos computacionais. O ciberespaço, portanto, é um lugar comum nonsense, apto ao puro fluxo de potências discursivas, outro tipo daquilo que Deleuze (1990), com Foucault, chamaria de *dispositivo*, ou seja, um regime invisível de articulação entre poder, saber e formas de subjetivação que, em última instância, produziria objetos, instituições e discursos e permaneceria, não obstante, escondido em suas manifestações.

O dispositivo antigo, por assim dizer, aristotélico, teria, então, sentido, ancorado em uma razão universal, sujeita à externalidades, irracionalidades e paradoxos; enquanto o dispositivo contemporâneo, o ciberespaço, de sentido abolido, mas amplo em inclusões de qualquer tipo – como um cristianismo hipertrofiado –, não estaria vulnerável aos perigos do nonsense, às ambiguidades de um modelo comum de ordenamento vital, nem aos paradoxos dos discursos, desde que estes sejam computáveis. A opção ao ciberespaço, como dispositivo fundamental da sociedade contemporânea, torna-se mais compreensível, dada a sua incrível sedução: de fundamentar o mundo visível conforme a promessa do espírito, de minimizar o traumático de toda experiência irreversível, de participar toda forma, sem lhe pedir garantias de sentido, e incluir o estrangeiro, o não familiar, em uma grande possibilidade de comunhão reflexível.

Virno associa este lugar comum com o *general intellect* marxiano, onde o caracteriza como “o saber social tornado principal força produtiva; é o conjunto de paradigmas epistêmicos, de linguagens artificiais, de constelações conceituais que dão nervura à comunicação social e à forma de vida” (VIRNO, 2003 p.55). O lugar comum contemporâneo, como pura potência de realização, não seria, ainda, um lugar diferenciado, mas viabilizaria a implementação de todas as máquinas possíveis, como uma máquina desencarnada de Turing, que, dessa forma, seria o local de produção do valor. É nesse movimento, portanto, de saída de um lugar comum para o lugar específico, na transformação do intelecto geral, da base nonsense de fluxo de código,

para a apropriação do mundo semântico, que o conceito de valor e sentido se colapsam. O apontamento do sentido, enquanto objeto escasso, perdido em um fluxo nonsense de um intelecto geral, aponta o termo de mudança na orientação do dispositivo. De um dispositivo novo – e ainda traumático, pois ainda não estamos dispostos a abdicar do sentido – , para um antigo e legítimo, dentro das leis, dentro do mundo da escrita antiga, com sujeitos, verbos e objetos; mundo predicativo, disciplinado.

Restringir o fluxo do dispositivo contemporâneo, em um sentido humano e não alienígena do ciberespaço é, nestes termos, o grande artifício da produção de valor e, portanto, o ponto fulcral de entendimento de uma economia do sentido. Encontrar os termos humanos em um cenário de conversas alienígenas maquínicas que se tornou o cristianismo – e o intelecto – de nosso tempo. O sentido, portanto, é uma forma de territorializar a potência do lugar comum, de criar registros históricos, acontecimentos, eventos – no sentido dado por deleuze – que possam ser devidamente institucionalizados, humanizados e dados como verdadeiros. E como? - qual seria o truque? para retirar o grau traumático de um fluxo anistórico do ciberespaço, e historicizá-lo, torná-lo humano, factível. A forma humana de lidar com o traumático que é a experiência do ciberespaço, é verbalizá-lo, mudar seu agenciamento, dar-lhe um contorno no tempo, assim como o verbo o faz. Usaremos o termo *sensibilização* para denotar esta operação.

### **Verbo como dispositivo de sentido.**

Vejamos, para situarmos nosso posicionamento, o estatuto do sentido, conforme a proposição deleuzeana: “[...] o sentido é o exprimível ou expresso da proposição e o atributo [lógico] do estado de coisas.” (DELEUZE, 1998, p. 23). De um lado, o sentido não existe fora da proposição (linguagem) que o exprime, por isso mesmo ele não pode ser dito existir, mas insistir ou subsistir. Por outro lado, ele não é a proposição, nem o atributo da proposição, mas atributo da coisa ou estado de coisas.

Os estoicos distinguiam duas espécies de coisas. Primeiramente, os corpos, com suas qualidades físicas, suas relações, ações e paixões e os estados de coisas correspondentes. Em segundo lugar, os efeitos incorporais (acontecimentos) que

resultam das misturas dos corpos, de suas ações e paixões que são os atributos lógicos (expressão ou verbo).

Os atributos lógicos não são qualidades, nem propriedades físicas, não são coisas ou estado de coisas, mas acontecimentos. Na linguagem não são substantivos ou adjetivos, mas verbos. Assim sendo, as misturas em geral determinam estados de coisas qualitativas e quantitativas, e esses sim são designados por adjetivos ou predicados, como: “[...] as dimensões de um conjunto, o vermelho do ferro ou o verde da árvore.” (DELEUZE, 1998, p. 6). Mas na proposição “a árvore verdeja”, o verdejar é de outra natureza, não é estado de coisas ou misturas, mas acontecimento incorporal (expresso), que resulta dessas misturas.

Resumidamente, os acontecimentos não são puros resultados dos movimentos dos corpos, de suas ações e paixões, mas são incorporais, ou antes, efeitos incorporais resultantes das misturas dos corpos. São os atributos lógicos que são expressos por um verbo, já que o atributo da proposição não designa nenhuma qualidade (esta seria atributo do sujeito, da coisa, expressa por um predicado, como “a árvore é verde”), mas uma maneira de ser: verdejar, cortar, ser cortado, etc.

Assim quando “o punhal entra na carne”, existe a mistura de corpos, mas o enunciado “o punhal corta a carne” exprime transformações incorpóreas (acontecimentos), de modo que os mesmos ou atributos incorpóreos são ditos, e só ditos, acerca dos corpos. Eles são o “expresso” dos enunciados, mas são atribuídos, “acontecidos” aos corpos. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, v.2, p. 26)

Quer dizer, o sentido subsiste na linguagem, mas acontece às coisas ou estados de coisas. Então o sentido é o acontecimento. Para ilustrar tal preceito, vejamos novamente o exemplo dado por Deleuze (1998, p. 22) na seguinte proposição: “a árvore verdeja”. O acontecimento é verdejar, o exprimível pelo verbo. Assim, o sentido não se confunde com o atributo da proposição, pois o mesmo é o predicado, como o verde. O predicado enquanto atributo da proposição atribui qualidades ao sujeito. O verbo, por sua vez, se atribui à coisa designada pelo sujeito ou ao estado de coisas designado pela proposição em seu conjunto. De modo sumário, o atributo da coisa ou estado de coisas é o verbo, o acontecimento expresso por este verbo. O sentido permanece na fronteira entre as coisas e a linguagem, é a articulação entre corpo e a linguagem, na superfície, na dobra.

Então, do lado da coisa, há qualidades físicas e relações reais que constituem o estado de coisas e, além disso, os atributos lógicos ideais que marcam os

acontecimentos incorporais. E do lado da linguagem há a proposição, há nomes e adjetivos que designam o estado de coisas e, além disso, os verbos que exprimem os acontecimentos ou atributos lógicos. O verbo tem papel central na teoria de Deleuze. O verbo faz com que o acontecimento sobrevenha às coisas como o exprimível da linguagem e que o sentido insista na linguagem como expressão do pensamento. É esse o quadro da representação verbal (orientada no verbo).

Já o acontecimento pertence essencialmente à linguagem; ele mantém uma relação essencial com a linguagem, mas não deve confundir o acontecimento com o que acontece (acidente) “[...] ele é no que acontece o puro expresso. “Ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, e representado no que acontece.” (DELEUZE, 1998, p. 152). Assim, o acontecimento está envolvido no verbo. “É a mesma entidade que é o acontecimento sobrevivendo aos estados de coisas e sentido insistindo na proposição.” (p. 188). O acontecimento é coextensivo ao devir e o devir, por sua vez, é coextensivo à linguagem. Com efeito, “A pragmática da não é complemento de uma lógica, de uma sintaxe ou de uma semântica, mas ao contrário o elemento de base de que depende todo o resto.” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 184).

Em relação à linguagem, Deleuze (1998) aponta que, várias obras lógicas dizem respeito diretamente à significação, e não ao sentido, ao menos diretamente. Para entender tal distinção, vamos ver como opera o sentido e a significação nas proposições. Na ordenação da linguagem há, na proposição, três relações distintas: a designação; a manifestação; a significação.

Dir-se-ia as três dimensões da proposição. A primeira, também chamada de indicação, é a relação da proposição a um estado de coisas exteriores, e na linguagem atua como singulares formais, como, por exemplo, as palavras: “isto; aquilo; aqui; ontem; agora; etc.” Os nomes próprios também podem ser entendidos como indicadores. Uma vez que a designação opera pela associação das próprias palavras com imagens particulares que devem representar o estado de coisas, logicamente, a designação tem como critério e como elemento o verdadeiro e o falso.

A segunda relação da proposição é a manifestação, que aparece em partículas como, “eu, tu, amanhã, sempre, em toda parte”. Aqui, o EU é o manifestante de base onde atuam os indicadores ou designantes que se referem a ele. Nesse sentido, a manifestação como segunda dimensão não implica que ela seja secundária relativamente

à designação: “[...] ao contrário, ela a torna possível e as inferências formam uma unidade sistemática da qual as associações derivam.” (DELEUZE,1998, p. 14)

A terceira dimensão é a significação. A significação opera na demonstração entre premissa e conclusão, como também em relação aos conceitos. No primeiro caso, a proposição que atua como significante das implicações de conceitos que podem remeter a outras proposições, que por sua vez, são capazes de servir de premissa à primeira. Linguisticamente teríamos o exemplo dos marcadores “implica”, “logo”, ou seja, signos que definem a “asserção”, a possibilidade de afirmação da conclusão.

Os conceitos significam classes e propriedades, onde a significação supõe a formação de um bom senso que se faz com a individuação, como a de um senso comum que encontra sua fonte na pessoa, e ela implica todo um jogo de designação e de manifestação, tanto no poder de afirmar as premissas, quanto de destacar a conclusão. E por fim, a quarta dimensão da proposição é o sentido, que opera, em um primeiro momento, na fronteira entre as coisas ou estado de coisas e a proposição. Linguisticamente, como vimos, do lado da proposição há os NOMES e ADJETIVOS que DESIGNAM o estado de coisas, e os VERBOS que EXPRIMEM os acontecimentos ou atributos lógicos. Mas há o lado das coisas, as qualidades físicas e reais, que constituem o estado de coisas e os atributos lógicos ideais que marcam os acontecimentos incorporais.

Deleuze (1998) explica que a organização terciária ordena a linguagem de tal forma que as **designações operam seus preenchimentos por coisas, as manifestações e suas efetivações por pessoas, as significações e suas realizações por conceitos**, o que chama de gênese da língua ou da linguagem. Deleuze (1998) adverte que o sentido não é apenas um dos dois lados de uma dualidade, que opõe as coisas e as proposições, os substantivos e os verbos, as designações e as expressões. É sempre a fronteira entre os corpos e a linguagem, as coisas e as expressões. Nessa relação, o sentido não se confunde com a proposição que o exprime, nem com a designação, nem com a manifestação e nem com a significação.

Curioso é que, o estatuto da linguagem reside na circularidade do sentido. Ele sobrevoa as dimensões da proposição, segundo as quais ordenará a maneira a adquirir significação, manifestação e designação. A doação de sentido implica na organização secundária da linguagem, ou seja, antes das três dimensões supracitadas (na ordenação terciária), pois quando se designa alguma coisa, supõe-se sempre o sentido.

Assim, de acordo com Bergson *apud* Deleuze (1998, p. 31) “[...] não vamos dos sons às imagens e das imagens ao sentido; o sentido está sempre pressuposto desde que o eu começa falar.” Instala-se de “saída”, está sempre pressuposto.

Dessa maneira, o sentido é produzido por essa circulação, ou seja, o sentido que volta ao significante, mas que também volta ao significado. O sentido é sempre um efeito, sobretudo um efeito de linguagem. “O sentido não é um princípio ou origem, ele é produzido, ele não é algo a ser descoberto, restaurado ou reempregado, mas algo a produzir por meio de novas maquinações.” (DELEUZE, 1998, p. 75). Desse modo, a ordenação secundária é marcada pela representação verbal, ou a representação do acontecimento como o expresso, a organização terciária é a representação do objeto ou objetual (designação, manifestação, significação; objeto, pessoa, conceito; mundo, ego e Deus) e na ordem primária “[...] as palavras são diretamente ações ou paixões do corpo, ou então vozes retiradas.” (1998, p. 253). A importância da representação verbal, nesse contexto, é fazer com que o acontecimento eleve o resultado a uma segunda potência, isto é, o verbo possa dar às palavras elementares o valor expressivo, que elas ainda estavam destituídas.

Por outro lado, a doação de sentido não se faz sem que sejam determinadas as condições de significação, nas quais as palavras das proposições, providas de sentido, serão posteriormente em uma organização terciária, ordenadas segundo as leis das designações ou indicações e das manifestações possíveis. Assim, com analogia das significações, as indicações das designações e a eminência daquele que se manifesta, a ordenação terciária pode submeter a linguagem às regras do bom senso e do senso comum (imagens de semelhança e similitude da língua).

Resumidamente, é no mundo dos efeitos incorporais ou dos efeitos de superfície, na dobra, que torna a linguagem possível, onde os acontecimentos puros fundamentam a linguagem, onde o expresso fundamenta a expressão, isto é, “a propriedade metafísica adquirida pelos sons de ter sentido e secundariamente [posteriormente, na ordem terciária] de significar, de manifestar, de designar, em lugar de pertencer aos corpos como qualidades físicas.” (DELEUZE, 1998, p. 171). Seguindo o Autor, tal é a operação mais geral do sentido, em que dialeticamente é o sentido que faz existir o que o exprime e, pura insistência, se faz existir no que o exprime.

A definição de sentido, na linguagem é, para nós, de extrema importância, pois marca uma ruptura com o sentido universal instaurado no *códex*

tipográfico e na escrita. É de extrema importância perceber como o sentido tem um estatuto diferente e muito mais complexo para reduzi-lo ao significado. Com o fechamento semântico gerado pelas interpretações dos textos escritos, o significado atuou com proeminência para instaurar o sentido único, ou o universal. O universal, nesse sentido, parece estabilizar-se no bom senso como sentido único, única direção a ser tomada e no senso comum como identidades fixas de um mundo pronto para ser interpretado de uma mesma maneira.

Na próxima seção, buscaremos um local apropriado para encontrar, então, os limites, as bordas, as dobras, onde o sentido encontra seus limites e, também, suas possibilidades de *sensibilização*.

***Imputando sentidos: o mercado financeiro e o limite da racionalidade.***

•

Desde seu início, em sua fase moderna, quando comerciantes holandeses viabilizavam expedições ao oriente dividindo os custos de sua empreitada em cotas (*shares*), a bolsa de valores depende visceralmente de informações acuradas sobre o estado de seus empreendimentos (PILAGALO, 2009). Caso as informações sobre o empreendimento fossem boas, as cotas subiam, em caso contrário, decaíam. As cotas de um empreendimento, desta forma, tornam-se um bom negócio, se compradas por um preço baixo, em relação a expectativa de que se valorizem no futuro, o que pode ocorrer ou não – é um risco. A bolsa de valores, talvez, mais que nenhum outro domínio, explicita a relação aguda, impessoal e imediata entre informação e valor. Esta dinâmica de preços das cotas, é sensível, no entanto, não somente à informações factuais, mas expectativas, boatos e humores; criando uma demanda crescente sobre informações acuradas, que possam influenciar nos mercados e mudar o estado dos preços das cotas (ações).

A sensibilidade desta dinâmica implica em lucros e prejuízos, ou seja, rapidamente o mercado financeiro tornou-se adicto a qualquer informação que possa mudar seu estado, a ponto de perder sua racionalidade, pois, na busca desenfreada por informações diferenciadas, a velocidade do fluxo de informações passou a ser um fator diferencial na negociação de ações. O mercado de ações passou a demandar e a impulsionar o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, abduzindo e induzindo o desenvolvimento de diferenciais que pudessem melhorar a qualidade das decisões dos gestores financeiros. Tecnologias de comunicação como o

telégrafo e telefone, no séc. XX, radicalizaram a dinâmica do fluxo de informações financeiras – imputando o adjetivo *on-line*, ao mercado – e a banalização da internet, no séc XXI, globalizou o fluxo de capitais, que passaram a fluir desterritorializados, de um continente a outro, em tempo real, para usuários comuns e não somente grandes bancos e fundos de investimentos, prostrando, a já combalida racionalidade dos mercados financeiros, em escombros e cinzas no chão do ciberespaço.

A lógica da informação em tempo real, autônoma em relação a meios e fins, passou a dar a tônica das operações no mercado financeiro e os índices, que antes se movimentavam correlatos as atividades públicas, passaram a uma variação muito além do acompanhamento meramente humano, e o proliferaram, tanto, que tornaram-se, para serem inteligíveis, índices de índices. Vejamos, segundo o dicionário de finanças da bovespa, que um índice aponta para uma “[...] relação entre os valores de medida ou gradação, que indica a variação média dos preços de um conjunto de bens, em relação a um período tomado como referência [...]” (BM&FBOVESPA, 2012). Exaustivamente utilizados no mundo das finanças e da economia, a produção de índices confiáveis é hoje uma das principais ferramentas de auxílio a tomada de decisões em praticamente todos os níveis da sociedade contemporânea.

*Trade systems* (TS) são sistemas automatizados de localização de momentos oportunos para maximização dos resultados de uma operação financeira, de compra e venda, que são indicados por índices. Atualmente, estes sistemas são utilizados em grande escala pelos grandes *players* do mercado financeiro, como bancos e fundos de investimentos, e são acusados, em contrapartida, de aumentarem as chances de grandes crises no mercado financeiro (PATTERSON, 2010).

Estes sistemas, em sua maior parte, utilizam a abordagem grafista, ou técnica, ou quantitativa, para tentar encontrar os melhores momentos de compra e venda de ativos financeiros, transformando os estados do mercado em índices de risco, como se existisse uma gradação entre a ocorrência de eventos, possível de ser inventado, na modernidade, com o advento do cálculo e da estatística. A análise técnica tem como premissa de que os preços dos ativos seguem padrões e tendências que podem ser identificáveis de acordo com seu histórico, a premissa de seu fundador Charles Henry Dow. Ao contrário da análise fundamentalista, que se preocupa com os fundamentos econômicos que dariam suporte a uma tomada de decisão sobre compra ou venda (MATSURA, 2007).

A análise técnica acredita que todas as informações relevantes para esta decisão já estão contidas no próprio preço do ativo. Por exemplo, enquanto um analista fundamentalista vai buscar as informações econômicas e financeiras de uma empresa e seu contexto como: taxa de crescimento, lucratividade e dívida – o analista técnico busca, no comportamento gráfico do ativo desta empresa durante o tempo, padrões que possam indicar bons pontos de compra e venda. A realidade, como um sistema de símbolos de explicação narrativa do mundo, pouco importa. Os resultados obtidos, convertem-se, quando bem sucedidos, em aumento de capital – o saber, como concebíamos na era moderna, como causalidade explicativa, já não tem tanta importância, quanto o resultado objetivo das transações.

O que gostaríamos de destacar é que, na análise técnica, conteúdos externos, boatos, notícias e informações oficiais do mercado são subsumidos pelos próprios movimentos gráficos dos ativos, ou seja, na análise técnica, o valor do ativo e seu histórico já contém todas as influências externas do mercado. Desta forma, o estudo das séries históricas dos ativos financeiros seria o suficiente para se encontrar as melhores oportunidades de compra e venda. Sendo assim, a análise técnica faz uso extensivo de ferramentas estatísticas, de simulações, mineração de dados, e outras técnicas computacionais de detecção de padrões.

De fato, o ponto mais marcante é que, enquanto a análise fundamentalista procura razões, ou explicações simbólicas significativas – do tipo causa, efeito e sentido – para o movimento dos ativos financeiros, a análise técnica procura a detecção de padrões, que não tem compromisso com uma explicação racional – nos termos semânticos – do mundo, de forma que não seja necessário, nem mesmo conveniente, uma explicação tradicional do movimento do mundo financeiro – basta-lhes que funcionem. O fluxo de informações desencarna do sentido para vincular-se ao valor, define-se por uma particularidade escassa. Este ambiente, torna-se, portanto, o local ideal para referência da lógica contemporânea da economia do sentido, onde os movimentos dos ativos não estão mais, necessariamente, aderidos a um regime lógico, e, no entanto, o abandono da esperança de entendimento e doação de sentido ainda não foi abandonada, afinal, ainda queremos explicações para o movimento dos mercados. O mercado financeiro, assim nos parece, é o lugar de maior tensão – e, logo, locus de estudo privilegiado – entre os dispositivos contemporâneo e o antigo, onde, ao mesmo tempo que ainda não podemos abdicar do desejo de sentido e da racionalidade dos mercados, devemos conviver, a duras penas, com sua racionalidade alienígena.

Esta troca de racionalidade, da causalidade pela relação, implica na abdicação de explicações sobre o mundo em favorecimento de sua operação, transformando, atualmente, a racionalidade das operações no mercado financeiro, conforme o predomínio das transações derivadas de modelos baseados na análise técnica, em problemas computacionais, ou, mais precisamente, em uma corrida computacional e otimização de modelos matemáticos não determinísticos e divorciados das significações humanas. Definitivamente, um trabalho para a razão das máquinas que prescindir dos critérios humanos, quer dizer, quanto mais o mercado financeiro é automatizado, mais distante fica de ser compreendido pelos homens, fica mais imprevisível, incompreensível, exotérico – e perigoso, vide as recentes crises no sistema financeiro.

- ***O experimento***

Como vimos, nas seções anteriores, as formas de representação contemporâneas convergem para a lógica dos índices financeiros, em tempo real, sem sentido, autônomos. O fluxo dos ativos financeiros, pode, por sua vez, ser tratado como um problema computacional – podendo ser rastreados e monitorados, criando valor em momentos específicos, onde a dinâmica dos fluxos de dados converge para momentos efêmeros de sentido – momentos onde a própria significação é um diferencial na geração de valor, ou seja, a *sensibilização*, enquanto imputação de um verbo ao fluxo nonsense do ciberespaço.

Com este experimento, desta forma, procuraremos, monitorar o mercado, em tempo real, e atribuir momentos de constituição de sentido – verbos que marcam, delimitam eventos – que sejam favoráveis a compra e venda de ativos financeiros. O sentido, desta forma, será resumido em transações financeiras ocorridas em determinado momento e, por fim, será precificado objetivamente, evidenciando sua relação com o valor. Este apontamento – *sensibilização* –, ocorrerá quando, através de uma marcação verbal em um fluxo de informações, evidenciaremos uma mudança de dispositivo, do não sentido, para o sentido, passível de ser historicizado. Usando este artifício poderemos obter números mensuráveis, sobre configurações onde o sentido e o valor são constituídos em um momento no *continuum*, quer dizer, o fluxo nonsense é evidenciado, verbalizado, significado. Do lugar comum e desdiferenciado, para o lugar específico, onde sentido e valor são acoplados em uma colonização do dispositivo

contemporâneo pelo antigo, encontrando números objetivos para o valor do sentido, evidenciando sua relação.

O experimento, em sua forma preliminar, minera os dados financeiros – lembrando a definição de mineração de dados como sendo as “técnicas para encontrar e descrever padrões estruturais em dados” (WITTEN ET ALI, 2005 p. 40) – procurando por “ondas” de compra e “ondas” de venda. Lembremos que a busca por padrões em bases de dados implica, também, em uma busca por significação em um “oceano” de dados, ou seja, a mineração de dados tem como um de seus objetivos principais o encontro de sentidos em regras, sistemas de classificação e agrupamentos. A mineração de dados, portanto, oferece um conjunto de técnicas instrumentais para o estabelecimento de uma economia do sentido, onde o encontro de padrões em extensas bases de dados estabelece as premissas para o encontro do sentido, enquanto um acontecimento que precisa ser humanizado pela linguagem, sair da pura – e alienígena – relação matemática entre variáveis, para um domínio das instituições humanas. A *sensibilização*, neste sentido, trata da atividade de apontar verbos para estes padrões “alienígenas”, que escapam das significações humanas e que caracterizam o ciberespaço. Uma onda de compra, desta forma, é um período que o sistema detecta – matematicamente – onde a compra de ações seja favorável e o significa, através da associação deste momento a um verbo (Ilustração 1).



*Ilustração : Onda de compra*

As sugestões de compra são enviadas por e-mail e twitter – são verbos que marcam eventos e produzem sentido no fluxo. Conforme o mercado progride em sua dinâmica. Uma onda (verbo) de venda indica os melhores momentos para vender as

ações compradas em uma onda de compra (Ilustração 2). Uma onda de venda é constituída de vários verbos de venda. Neste modelo, o primeiro momento de venda, vende todas as ações compradas por um preço inferior e em um evento anterior, concluindo um ciclo de compra e venda que evidencia o valor, precificando-o .



*Ilustração : Onda de venda*

- 

- ***Resultados obtidos, conclusões e futuras pesquisas***

Os resultados preliminares foram obtidos aplicando um algoritmo provisório de mineração a dados colhidos em 2010, nos sites da BMFBOVESPA e do YAHOO FINANCE (2010). Os registros completos dos momentos de compra e venda, assim como a adesão ao serviço de monitoramento, podem ser encontrados em <http://twitter.com/#!/mymarx>. A mineração de dados financeiros serve como experiência para testar os principais conceitos da economia do sentido, uma vez que se relaciona com três de seus aspectos fundamentais que se caracterizam por:

- apresentação do conceito de valor como um evento no tempo, mediado por um verbo,
- que não está comprometido com uma explicação racional deste e
- tem um caráter fugaz, evanescente, onde o valor não se associa a uma commodity, mas a um evento no tempo.

O mercado financeiro oferece um bom ambiente para a pesquisa da economia do sentido porque precifica objetivamente o ato de atribuir sentido, verbalizando um evento em um fluxo, além de evidenciar a mudança entre os dispositivos, do

ciberespaço, para um regime de significação. Futuras pesquisas podem contrastar outras formas de *sensibilização*, – de outros “ativos” – que não financeiros, para que sejam estudados em outros contextos.

- **Referências**

BADIOU, A. *Saint Paul: the foundation of universalism*. Standford (Ca): Standford University Press, 2003.

- BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BBC. *História da Ciência - Episódio 04 - Podemos Ter Energia Ilimitada?* Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=n\\_E4VkN41Is](http://www.youtube.com/watch?v=n_E4VkN41Is)>. Acesso em: 26 jun. 2012.

BM&FBOVESPA . Disponível em: < <http://www.bmfbovespa.com.br/home.aspx?idioma=pt-br>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

CASSIDY, J. *Como os mercados quebram*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. ¿Que és un dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 2

FRANKLIN, B. *Information and value flow: an experiment in economics of attention*. Textos de la Cibersociedad, v. 1, p. 1-3, 2011.

FRANKLIN, B.; BRAIDA, C. *Sustentabilidade e máquina universal: uma crítica à ecologia profunda*. SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, V, Florianópolis, 2011. UDESC/UFSC, 2011. Disponível em: <<http://simposio2011.abciber.org/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%205/12.E5/114%20veeeeer.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

LANHAM, R. *The economics of attention: style and substance in the age of information*. The University of Chicago Press, 2006.

MARX, K. *O capital. Livro 1: o processo de produção do capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MATSURA, E. *Comprar ou vender? Como investir na bolsa utilizando análise gráfica*. 6. Ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

KOLAKOWSKI, L. *Horror metafísico*. Campinas: Papyrus, 1999.

PATTERSON, S. *The Quants: how a new breed of math whizzes conquered Wall Street and nearly destroyed it*. [S.l.]: Crown Publishing Group, 2010.

PILAGALO, O. *A Aventura do Dinheiro: Uma Crônica da História Milenar da Moeda*. São Paulo: Publifolha, 2009.

ROBBINS, L. *An essay on the nature and significance of economic science*. Local: Macmillan, 1932.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2000.

WITTEN, I. H.; FRANK, E. Data Mining: Practical Machine Learning Tools and Techniques. [S.l.]: Morgan Kaufmann, 2005.

VIRNO, P. *Gramática da Multidão. Para Uma análise das Formas de Vida Contemporâneas*, 2003. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/paolo.prn.pdf>>. Disponível em:

YAHOO FINANCE, AP-CNBC Poll: *Investors wary of stock trading*. Disponível em: <<http://finance.yahoo.com/news/APCNBC-Poll-Investors-wary-of-apf-3836067135.html?x=0&sec=topStories&pos=2&asset=&ccode>>. Acesso em: 16 ago. 2010.